



# ○ NOVO FANGUEIRO ○

Director: ARMANDO SARAIVA

Mensário — Preço: 75\$00

## EDITORIAL

**A** VILA de Esposende foi elevada a cidade, através de votação realizada na Assembleia da República no passado dia 27 de Maio.

A elevação foi aprovada pela votação unânime dos Deputados ao Projecto de Lei da autoria do grupo Parlamentar do P.S.D. e de que era 1.º subscritor o Deputado esposendense Eng.º João Maria Oliveira Martins.

A ascensão de Esposende à categoria de cidade era algo que há muito se pressentia como próximo.

## ESPOSENDE ELEVADA A CIDADE

De facto, o crescimento desta localidade nos últimos anos tem sido impressionante, e se tal salta à vista, com a análise de alguns números a surpresa é ainda maior. Esposende, só freguesia pois a vila desde 1963 que já englobava parte das freguesias de Marinhãs e de Gandra, passou da 5.ª freguesia mais populosa do Concelho para a 3.ª mais populosa, logo atrás de Marinhãs e Apúlia, o crescimento de número de fogos habitacionais, segundo dados do INE, foi de 99,56% entre 1981 e 1991.

Ora, uma terra que em dez anos duplica o número de habitações só na freguesia de origem, em que o Lugar do Rio da freguesia de Marinhãs incluído no perímetro urbano da vila, era o 3.º mais populoso daquela freguesia — dados do INE — logo atrás de Góios e Rio de Moínhos, que vê um crescimento espectacular de comércio e serviços, onde as áreas comerciais nas principais artérias chegam a ter preços de venda superiores a 700 contos o metro quadrado, vinha demonstrando há tempos que tinha dinâmica própria para ser cidade.

Faltavam contudo alguns equipamentos que só agora surgiram, como uma Biblioteca com dimen-

(Continua na pág. 2)

## O PERFIL DE HOJE

Por ARMANDO SARAIVA

### Maria Joaquina da Costa Vieira Ferreira

Falar de figuras gradas e, portanto, populares de Fão ou que viveram na terra, sem mencionar as irmãs Vieiras: Maria, Ema e Helena, que foram notáveis professoras das nossas escolas, embora naturais de Esposende, seria grave omissão a rondar uma não menos grave injustiça. Não foram já do nosso tempo mas a sua memória cheira ainda ao perfume da saudade e da admiração. Grande parte dos seus alunos já morreu mas alguns ainda não tiveram os sinos a badalar por eles e relembram com carinho a vivência sentida quando, ainda meninos, foram educados por estas ilustres esposendenses. Distantes mas saudosos tempos!



Maria Joaquina da Costa Vieira Ferreira

Por ser a mais velha das três, e por outras particularidades adiante resumidas, queremos focalizar preferencialmente o vulto de D. Maria, na certeza de que o foco luminoso que fazemos incidir sobre a sua memória iluminará parcialmente o rastro memorativo de suas irmãs que igualmente beneficiaram do sentido de homenagem que esta evocação comporta.

Não é por acaso que as pessoas de Fão, as tais que já se vão europeando em sobretudos de muitos anos, não singularizam nenhuma das três manas, mas dizem com respeitosa estimas: as senhoras Vieiras.

Maria Joaquina da Costa Vieira Ferreira nasceu a 16 de Outubro de 1873, em Esposende, e faleceu em 1958. Foram seus pais Miguel Vieira, capitão da marinha mercante brasileira, e Emília da Costa Vieira. Teve como irmãos as já citadas Ema e Helena, Vasco António, industrial no Brasil e ainda Américo e Adriano, comerciantes também em terras de Santa Cruz.

As senhoras Vieiras chegaram a ter residência no edifício das escolas, em Fão, e disso nos dão conta os jornais da época quando dizem a respeito de um dos seus irmãos: «Esteve em Fão, em casa de suas irmãs, fulano, chegado do Brasil. D. Maria e D. Ema terminaram as suas funções docentes nesta terra, enquanto a sua irmã mais nova, a D. Helena, foi já em Esposende que deu por findo o seu munus escolar.

D. Maria, enquanto viveu em Fão, procurou ser útil à comunidade. Diz-nos a Miquinhas Turra, veneranda macróbia, que era uma pessoa extremamente bondosa, muito simpática e afável. Com que paciência incutia nas suas alunas o gosto dos bordados que na altura fazia parte dos programas!... Ensinou a ler muitas centenas de meninas de Fão e por último também rapazes.

Das suas qualidades pedagógicas falamos os vários louvores e prémios do Governo, tendo sido considerada a melhor professora do concelho. A Fão dedicou toda a sua vida de professora e aqui deixou grandes amizades. Era como uma mãe para os jovens desta terra.

As senhoras Vieiras nasceram em Esposende, mas a sua memória faz parte do espólio cultural de Fão. Construíram mais uma ponte de amizade que une as duas terras, apesar de e desde sempre andarem à compita bun desejo mútuo de superação.

# O BOM JESUS DE FÃO

A imagem do Senhor Bom Jesus, que se venera na sua igreja, em Fão, é tão antiga que não se pode averiguar a sua origem.

Lenda: O Padre Chaves conta assim a origem da Imagem:

«Dizem que a Imagem do Senhor Bom Jesus e bem assim a Imagem do Senhor de Matosinhos e a do Senhor da Cruz de Barcelos, foram lançadas ao mar, na Itália, eximindo-as por este gesto à fobia dos econoclastas, que perseguiram o culto das imagens.

Consta que a Imagem do Senhor Bom Jesus fora achada na Junqueira, à beira-rio, envolvida em gravilha por uma mulherzinha, que andava aos gravetos para o lume, e que aí mesmo, levantaram uma pequena ermida, e mais tarde a actual capela sobre estacaria de madeira. Esta capela em forma de cruz e abóbada de pedra, dizem ser do tempo dos mouros».

Vi, há anos, num jornal antigo de esposende, emprestado pelo Dr. Ramiro Barros Lima, um artigo que completava o relato do P. e Chaves com a informação de que a Imagem fora achada sem um braço encontrada por uma mulher das Pedreiras, que o usou como lenha no lume mas, não só não ardeu, como saltou do fogo, o que a fez lembrar-se do achado anterior.

A Imagem foi colocada num nicho até mais tarde se construir a ermida.

Esta lenda é decalcada da do Senhor de Matosinhos, que nos diz que a Imagem de Matosinhos foi feita por Nicodemus, contemporâneo e amigo de Jesus, com mais três imagens. O segundo Concílio de Niceia, reunido depois de 325, examinou as imagens feitas por Nicodemus e soube-se, então, que uma dessas fora levada para a Lusitânia e depositada no Lugar de Matosinhos.

As outras imagens veneram-se em Berito, na Síria; em Luca, na Itália; em Burgos, na Espanha. Atribui-se também a Nicodemus a que é venerada em Grense, Galiza.

Nicodemus, perseguido pelos judeus depois da crucificação de Jesus, a que sobreviveu muitos anos, lançou todas as imagens ao mar. Uma delas veio dar à praia de Matosinhos, já sem um braço. Foi recolhida pelas freiras do Mosteiro de Bouças, no século X.

Estas lendas apenas significam que não se sabe a origem das imagens e que são muito antigas.

Na Enciclopédia Portuguesa Brasileira pode-se ler que o Senhor de Barcelos é obra do cinzel de Giuseppe Berardi (1875).

Da mesma enciclopédia consta, sobre a Igreja do Bom Jesus de Fão: «Tem uma imagem, a do Senhor dos Passos, que uma tradição vacilante diz ser obra feita em Inglaterra e em Viana do Castelo».

No Dicionário Chorográfico de Portugal Continental Insular, de Américo Costa, consta: «No camarim central venera-se a imagem do Senhor de Fão, Senhor dos Passos, de escultura muito antiga.

É tão antiga esta imagem que não se pode averiguar donde veio: dizem que veio de Inglaterra, mas há outros que são de opinião que foi feita em Viana da Foz do Lima».

A imagem que pode ter sido feita em Viana do Castelo é a do Senhor da Agonia ou a que representava o Senhor dos Passos (já não existe na Irmandade), oferecida por Luis Leite Mariz em 1865 e que custou 56\$00 réis. Destinava-se aos Passos da Semana Santa.

Há ainda uma pequena reprodução do Bom Jesus, oferta de José Henrique de Casais, em 1885, que normalmente permanece em casa do Juiz da Irmandade.

O facto da Imagem ter sido pintada várias vezes, ao longo dos anos, por, segundo se diz, estar ensaltrada, faz tornar mais real a lenda.

Há até quem avente a hipótese de ter pertencido a um barco naufragado na costa de Fão.

Há registo da encarnação da Imagem de gerências de 1752/53, 1797/98 (custou 76\$00 réis), em 1885 (com cobertura da despesa por Francisco Dias dos Santos Borda — 24\$000 réis e um anónimo 4\$200 réis).

Voltou a ser encarnada na gerência de 1945/52.

Não é de admirar a deterioração da pintura dado os devotos costumarem subir ao camarim, beijar a Imagem ou tocar-lhe com as mãos, depois de as levarem aos lábios. E este gesto repete-se milhares de vezes no ano.

O documento que tenta marear historicamente a antiguidade da Imagem do Bom Jesus de Fão tem o teor seguinte:

«Ano do Nascimento de Nosso Senhor Jesus Cristo de mil setecentos e setenta e dois aos vinte e oito dias do mês de Abril do dito ano, neste lugar de Fão e Casas da Mesa da Irmandade do Senhor Bom Jesus aonde vim, por ser termo de Barcelos, cuidaram deste lugar daquelas freguesias respectivas à minha repartição, pois nas execuções dos Bens de Raiz das Confrarias ali examinei os títulos dos bens de Raiz desta Irmandade, que todos constam de títulos menos destas casas que são respectivas ao mesmo Santuário da Sagrada Imagem do Senhor Bom Jesus.

E como assim se verifica serem estas medidas fábrica, e também essas casas, porquanto se ignora já o tempo da sua aquisição e de alguns

# EDITORIAL

(Continuado da pag. 1)

são, um Museu amplo e toda a vida cultural que neste momento patenteia.

Aliás, por alturas da Exposição Esposende nas Rotas do Mundo, realizada o ano passado, já o Dr. Armando Saraiva em artigo publicado neste Jornal, vaticinava que não levaria muito tempo que Esposende não fosse elevada a cidade, dada a dinâmica que apresentava.

A elevação pode, quanto a nós, ter efeitos muito benéficos, quer para a localidade em si, quer para todo o Concelho. Para a localidade porque poderá concentrar uma série de serviços que de outro modo dificilmente captaria, tanto em termos quantitativos como qualitativos. Para o Concelho porque a melhoria qualitativa de Serviços na sede de Concelho evitará deslocações a outras cidades vizinhas com benefícios e economias evidentes.

Seria fastidioso enumerar todas as vantagens da elevação de Esposende a cidade, até porque mais importante do que toda a retórica, serão os factos que vierem a confirmar esta tese.

No entanto, e porque até agora têm interrogações quanto às desvantagens da elevação, diremos que até agora não descobrimos nenhuma. Ao contrário do que por aí se tem dito, ser cidade não vai fazer aumentar a Contribuição Autárquica, as Taxas Urbanísticas, o I.R.S. e todas as confusões com que mais ou menos malevolamente se tem tentado convencer os munícipes.

Agora quanto ao futuro da Cidade e do Concelho, ele será sobretudo aquilo que nós quisermos!

Comemorações serão a 19 de Agosto dia em que o Concelho faz 421 anos, e em que significativamente, por proposta do Presidente da Câmara, será o dia da efectiva elevação. É que a cidade de Esposende é não só para os seus residentes: é também para todo o Concelho que vê a su sede elevada.

TITO EVANGELISTA E SÁ

A vasta coleção «Dicionários Editora acaba de ser enriquecida com a publicação da 6.ª edição do Dicionário da Língua Portuguesa. Uma obra invulgar para o nosso país, feita em moles somente utilizadas em enciclopédias, com a colaboração de professores de comprovada competência, tanto em matéria especializada, como da especialidade generalizada, não só no aspecto etimológico, com muitos dados novos relativos à origem e evolução de cada vocábulo, que aumentaram esta edição em mais de duas centenas de páginas, como também pelo alargamento da repertório de palavras e locuções estrangeiras.

## Dicionários EDITORA



O Dicionário da Língua Portuguesa — 6.ª edição — é o mais desenvolvido de todos os do seu género, o mais correcto e o mais actualizado quanto a definições de termos técnicos e científicos.

**PORTO EDITORA, LDA.** Rua da Restauração, 365/4099 PORTO CODEX  
**LIVRARIA ARNADO, LDA.** Rua de João Machado, 9-11/Apart. 375/3007 COMBRA CODEX  
**EMP. L. FLUMINENSE, LDA.** Rua de S. João Nepomuceno, 8-A/1200 LISBOA

## A BRASILEIRA

PORTO



Nós somos café

# DE APÚLIA

**FALECIMENTOS** — Depois de prolongado e doloroso sofrimento, faleceu no dia 30 do passado mês de Abril, o Senhor Francisco Manuel da Silva Machado, de 30 anos de idade, natural de Parada de Tibães, Braga, e residente na Rua da Lagoa, desta freguesia.

Deixa viúva a Senhora D. Belarmina Filipe Fernandes Eiras Machado, com quem casara havia poucos meses.

— Acometido de doença súbita, e quando nada o faria supor, faleceu na sua casa do lugar da Areia, no dia 21 do passado mês de Maio, o nosso conterrâneo Manuel Almeida do Vale, filho de Manuel de Jesus do Vale, também já falecido, e de Maria Gomes de Almeida.

O Manuel «Quarenta», como familiarmente era conhecido, nasceu em 6 de Maio de 1932, e era aquilo que com propriedade se pode chamar de «um paz de alma». Introvertido, vivendo apenas para a família e para o trabalho, passou parte da sua vida emigrado no Canadá, onde amealhou um bom «pé de mei» que lhe permitia um resto de vida tranquilo e feliz.

O gosto pelo trabalho (que herdara da família) e o amor pelo património, que cultivava com desvelo e carinho, devem ter encurtado a vida desde cidadão e chefe de família exemplar.

Deixa viúva a Senhora D. Maria Adelaide Ribeiro Miranda.

A todos os familiares enlutados, deixamos sentidos pêsames.

**DO BRASIL** — Para uma curta estadia de dois meses, encontra-se entre nós, o nosso conterrâneo Adolfo Moreira Fernandes Eiras, assinante deste Jornal. O Adolfo «das Caravelhas», um próspero comerciante em S. Paulo, Brasil, veio apenas para tratar de assuntos ligados ao falecimento recente de sua mãe, D. Adelaide Fernandes Moreira, facto que assinalamos neste Jornal.

**POSTO MÉDICO** — A saúde é uma das áreas mais sensíveis para as populações. Por isso, não admira que, como dizem os nossos irmãos e amigos brasileiros, toda a gente meta agora a «boca no trombone», propalando as suas carências, que são muitas e grandes, efectivamente.

Apúlia, com uma população residente superior a 4.500 pessoas, população que no verão duplica ou até triplica, está muito mal servida nessa área, principalmente nas instalações. Em casa alugada, sem condições de espaço, de luz e de higiene, de há muito que se impunha o seu funcionamento em edifício próprio, construído para esse fim.

O primeiro passo já foi dado há anos, com a compra de uma casa e terreno circundante, no lugar da Igreja, onde, também se falava, ia igualmente ser construído um pavilhão ginno-desportivo.

Por motivos que facilmente se adivinham, ainda não se passou do primeiro passo. Se é certo que nem tudo pode ser feito quando se quer, também é certo que os anos vão passando e o assunto parece estar esquecido.

As autoridades locais, com a ajuda e o aval das Concelhias, devem pressionar o Ministério da Saúde através da Administração Regional de Braga, para a sua concretização tão próxima quanto possível.

E para essa obra, de que Apúlia necessita e a sua população merece, não são precisos centenas de milhares de contos, como se prevê venham a ser gastos noutras regiões.

Como somos modestos, um quinto dessa im-

portância, já dava, aqui, um bom posto médico.

**CIVISMO** — Já por várias vezes se tem chamado, aqui, a atenção para a falta de civismo de alguns apulienses. Poucos, diga-se. Afinal, em vão, porque o lixo (o principal motivo desses apontamentos), continua impunemente a ser despejado em plena via pública.

Essas pessoas já teriam pensado na imagem que levam da nossa terra os que nos visitam ou por cá passam?...

Já não é só a falta de civismo e de higiene que mostramos; também estamos nas «tintas» para os direitos dos outros.

Não será já tempo de emendar a mão?...

**ESPORÃO DAS «PEDRINHAS»** — No último «O Novo Fanguero» mais uma vez abordamos o espinho que todos os apulienses trazem atravessado na garganta — o Esporão das «Pedrinhas». Já há por cá quem diga que a construção dessa «fortaleza», foi a pior desgraça que desde sempre aconteceu a Apúlia. E talvez tenham razão.

Depois desse último apontamento, muita coisa aconteceu relacionada com esse esporão, desde o pretense corte da estrada marginal Apúlia-Fão, à cobertura (impressionante) feita pela comunicação social (jornais, estações de rádio, televisão) e à movimentação, parece que profíqua, desses apulienses que prometeram a si próprios acabar com aquilo que envergonha toda um sociedade, que enche a boca e a cabeça com palavras sobre a preservação do meio ambiente, do combate à poluição e à destruição ecológica, e consentiu na construção daquele «mostrengo», conhecendo bem os estragos irremediáveis que ele podia causar, como veio a causar. E parece que valeu a pena. É que agora, talvez um pouco tarde (mas esperemos que não tarde de mais) anuncia-se a sua demolição, parcial, da parte mais próxima da terra.

A destruição total da Praia das «Pedrinhas» e de parte das suas dunas, já não vai ser evitada, porque já aconteceu.

Veremos agora, com a liberdade de movimentos das águas e da retoma natural das suas tradicionais «correntes», se a areia regressa, e volta a fazer daquela lagoa artificial, a praia, imensa, branca, e bela, que destruíu. Com a ajuda e cumplicidade dos homens.

E isso, os apulienses não podem nem vão esquecer.

Jamais!...

**VERÃO** — Oficialmente, começou ontem, dia 1, a chamada época de verão. Na prática, os dias grandes, a luminosidade e o calor do Sol, o movimento, o garrido das cores, a confusão, só para o dia 15.

As perspectivas para Apúlia, como estância balnear, neste momento, não são famosas. A procura de casas, também terá alguma ligação ao mau estado das estradas e ruas principais (isso já está praticamente ultrapassado), mas será essencialmente da maior oferta com a construção em doses industriais de apartamentos, que os habituais frequentadores vão comprando. Depois não alugam, porque já têm casa própria, deles. E, talvez também, seja influenciada um pouco pela situação económica, que afecta mais as famílias de recursos modestos, a parte grande dos que vinham até nós.

Independentemente disso, e como um mal nunca vem só, também, a nossa principal praia, onde

abunda a rocha e falta a areia, é capaz de ter afundado alguns dos nossos potenciais veraneantes.

Como até ao lavar dos cestos é vindima, vamos aguardar. Ainda há tempo suficiente para tudo se recompor.

E o caso até nem será virgem, porque mais vezes este estado de alarme tem acontecido, e sido ultrapassado.

**O TEMPO** — É. Mudam-se as vontades, mudam-se os tempos. A expressão será precisamente a inversa. Mas, para o caso, pouco interessa.

Brilha e aquece o Sol nos meses que deviam ser de chuva e de frio; chove e troveja nos meses do Sol. E não haverá causas da responsabilidade dos homens para isto?...

Ou será que também já a Natureza, como os homens, se disfarça, sem tino, sem lógica, sem rumo?...

## FÃO — Deixa Sonhar

FÃO... — Varinas acima  
— mar abaixo!

Seu meias e descalça, tão singela  
Qual passarinho as asas ensaiando!

FÃO... — vejo-te crescer, gentil donzela  
E a tua ausência me vai dilacerando...

Mulher do mar, virgem de coração,  
Com saíote curto e sem maldade;  
— Levando o cabaz pela mão...  
Varina, qual formosura de cidade!

FÃO... — Subtil os pés na água refresca  
Tudo escuta, e sorri pois vem surgindo;  
Para o peixe apanhar em franca pesca...  
— Prateado ao azul do Céu tão lindo!

Nas tuas ruas estreitas d'ventura,  
Deixo passar minha vida inteira!  
— São gentis de imaculada alvura...  
— São sonhos de uma ilusão fagueira.

FÃO... — Palavra tão pequenã, ansiedade  
Teus canteiros coalhados de rosas!...  
Lembram a bruma saudade;  
Entre rezas amorosas...  
E se núvens se voltaram ao luar  
Alguém confortado me dizia:

FÃO... — (olhar perverso no rijo das nortadas)  
Vem dormindo em cima do mar  
Como uma longa SINFONIA!  
Visando em doidas gargalhadas!...

## DOENTES

Já se encontra em franca convalescença o nosso amigo Adelino Monteiro (d'Arcia) que esteve internado no Hospital de Fão durante vários dias.

☆

Também já se encontra na sua casa de Fão o nosso conterrâneo Américo Saraiva que teve de ser internado no Hospital de S. João, Porto devido a doença do foro respiratório.

Fazemos votos por um completo restabelecimento.

# LOJA BOM TOM

## PRONTO A VESTIR DE BEBÉ E CRIANÇA

### A PREÇO DE FÁBRICA

AV. VALENTIM RIBEIRO • 4740 ESPOSENDE

## CARTAS AO DIRECTOR

Santa Cruz, 12 de Dezembro 1992  
Amigo Saraiva:

Há tempos que tentava escrever-lhe algumas linhas, mas a falta de tempo sempre me impedia. Hoje, porém, aproveitando o tempo brumoso, resolvi enfrentar a tarefa de avivar as minhas saudades mandando-lhe algumas novas daqui e também externar poucas opiniões sobre o excelente jornal do qual você é o director.

Aguardo sempre com ansiedade a chegada do «Novo Fangeiro», pois ele me traz à memória os tempos agradáveis e as saudades que já se fazem distantes de um tempo em que a vida não era assim tão bulhenta e a gente podia sorver a existência com haustos despreocupados.

Seu jornal agrada-me sobremaneira. Ele não só traz excelentes colaborações, mostra a rutilância com que você trata o vernáculo, suas fotos fazem-me evocar a beleza de Fão e dessa região que nos é tão cara. Não faz muito tive o prazer de revê-lo numa foto em um de seus noticiários. Sinto a falta de alguns dos nossos amigos comuns e também de um maior enfoque sobre Esposende e Goios. Você sabe que a terra natal sempre exerce uma força poderosíssima no interior da gente.

Gostaria de pagar-lhe a assinatura do seu jornal, mas ocorre que aqui nesta cidade os bancos não operam com câmbio para o exterior. Havia uma promessa de o governo federal instituir um serviço desses junto aos correios, mas até agora só ficou na promessa. Sei que os custos do seu jornal não devem ser baixos e você poderá interromper a remessa dos mesmos (não que eu queira) mas, claro, como empresário você tem que pesar os custos.

Não sei se poderei um dia voltar à nossa Terra. O Brasil enfrenta uma situação econômica muito grave, os nossos ordenados estão muito abaixo do custo de vida que se agiganta a cada dia e sobreviver já é um duro fardo. Mas, como diz o anexim, «não há bem que sempre dure, nem mal que nunca acabe». Um dia as coisas hão de mudar e aí poderei contemplar a possibilidade de voltar novamente

ao convívio dos nossos amigos aí em Portugal.  
Um abraço da

Fátima

**Nota:** Claro que vai continuar a receber o jornal.

A.S.

★

Barcelos, 17 de Maio de 1993

Exmo. Senhor Director  
Jornal «O Novo Fangeiro»  
Rua de Cima, n.º 5  
Fão

Algumas palavras a propósito da última edição de «O Novo Fangeiro». O Editorial confirma aquilo que os bons leitores há muito verificaram. Porém, não só os fangeiros gostam do mensário; também nós e muitos outros que, apesar de nascidos e residentes noutros sítios, amiúde somos irresistivelmente atraídos por essa Vila de encantos múltiplos.

Para além disso, «O Novo Fangeiro» vale pela qualidade dos seus escritos, prova de que na imprensa local se encontram bons mestres na arte de escrever e comunicar. *Tesouradas, Quim de Fão, O perfil de boje*, etc., são prova daquilo que afirmamos. Lendo estes modelos aprendemos a «contar 'estórias' bem contadas».

Parabéns pelo nono aniversário.

José Campinho  
«O Comércio do Porto»  
Urb. Aparício, Loja 5  
4750 Barcelos

## Pelos Bombeiros

*Cbegaram-nos rumores que vai baver mudanças no Comando dos bombeiros locais. A notícia cbegou até nós de uma forma confusa e indefinida.*

*É pena se alguma coisa vem alterar o statu quo dos nossos bombeiros. É uma associação que até está a trabalhar muito bem. Ali há união, solidariedade, bairrismo, dedicação.*

*Esperamos que tudo não passe dum boato.*

## CANTINHO DO ADVOGADO

### «TRABALHADOR - ESTUDANTE

O leitor Sr. A., empregado por conta de outrem, pretende retomar os seus estudos para melhorar a sua situação profissional. Quer, por isso, saber se a circunstância de ser, ao mesmo tempo, estudante e trabalhador, lhe confere algumas regalias e quais.

A Lei portuguesa prevê, de facto, um regime jurídico especial para os trabalhadores-estudantes (Lei n.º 26/81, de 21 de Agosto), sendo como tal considerados todos os trabalhadores por conta própria ou por conta de outrem que frequentem qualquer grau de ensino oficial ou equivalente.

Os trabalhadores abrangidos por este estatuto beneficiam, desde logo, de facilidades para a frequência das aulas. As entidades empregadoras devem, tanto quanto possível, elaborar horários específicos para eles, ajustando-os à frequência das aulas e às deslocações para os estabelecimentos de ensino. Nos casos em que, por qualquer motivo, isso não seja viável, o trabalhador-estudante será dispensado até seis horas semanais, sem perda de retribuição, desde que o seu horário escolar assim o exija. Esta dispensa de serviço depende do período semanal de trabalho (dispensa até quatro horas se a duração semanal for inferior a trinta e seis horas, dispensa até cinco horas se a duração for até trinta e seis e trinta e nove) e poderá ser utilizada de uma só vez ou fraccionadamente.

Para além disso, têm igualmente direito a ausentar-se, também sem perda de vencimento, para a realização de provas de avaliação ou exames. Para prestação de exames beneficiam de dois dias para a prova escrita, sendo um o da realização da prova e outro o imediatamente anterior e mais dois, nos mesmos termos, para a respectiva prova oral. Na eventualidade de os exames finais serem substituídos por testes ou provas de avaliação de conhecimentos, realizadas ao longo do ano lectivo, terá o trabalhador direito a faltar até quatro dias por disciplina — mas apenas para a realização de provas e nunca por mais de dois dias seguidos.

Do mesmo modo e desde que tal não seja de todo em todo incompatível com o plano de férias da empresa ou do serviço ao qual o trabalhador pertence, poderá este marcar as suas férias de acordo com as suas necessidades escolares.

Por último e agora em relação ao estabelecimento de ensino, um trabalhador-estudante não é obrigado a frequentar todas as disciplinas do curso em que esteja inscrito, nem está sujeito às regras que fazem depender o aproveitamento escolar da assiduidade às aulas.

Vistas que estão as regalias que a Lei concede, importará referir aquilo que o trabalhador-estudante tem que fazer para delas poder beneficiar e, bem assim, os casos em que as perde.

Junto da entidade patronal, terá que fazer prova da sua condição de estudante, apresentar o respectivo horário escolar e comprovar, no fim de cada período, a assiduidade às aulas (em função das dispensas que obteve) e, no final de cada ano, o aproveitamento escolar. No estabelecimento de ensino terá, evidentemente, que provar a sua qualidade de trabalhador.

Para poder manter as regalias será necessário obter aproveitamento escolar, cessando as mesmas, definitivamente, se não tiver esse aproveitamento (isto é, passagem de ano ou aprovação em, pelo menos, metade das disciplinas em que estiver matriculado) em dois anos seguidos ou três interpolados.



stand porto

J. SÁ PEREIRA



COMÉRCIO DE AUTOMÓVEIS  
NOVOS E SEMI-NOVOS (C/ GARANTIA)

QUALIDADE • PREÇO • CORTESIA • PRESTÍGIO

R. JOAQUIM ANTÓNIO AGUIAR, 87-95 — TELEFS.: 567465-5104988  
FAX 567465 — PORTO

# PÁGINA JOVEM

**Olá, jovens! Cá estamos, quase no fim de mais um ano lectivo! Como o tempo passou depressa! Oxalá tudo tenha corrido pelo melhor, para que as férias possam ser alegremente saboreadas.**

## SOCIEDADE A MAIOR DE TODAS AS PRISÕES...

Por JOSÉ MANUEL FONSECA

(Continuado do número anterior)

Nunca elas foram totalmente harmoniosas e equilibradas, se incrementavam deliberadamente determinados ideais, esqueciam-se ingenuamente que os que eram substituídos tinham sempre algo de positivo, mas descuravam este nevrálgico pormenor, extinguindo-se como um dos demais obstáculos que impediam o solucionamento dos problemas sociais.

A verdade é que o homem (enquanto ser social) nunca conseguirá encontrar soluções cabais e universalmente aceitáveis para desmistificar os seus mais intrigantes problemas existenciais.

Nunca o homem alcançará a harmonia como os restantes seres vivos, que vivem equilibradamente, quando sem a presença destruidora do homem nas imediações dos seus ecossistemas.

O esforço do intelecto humano não pode tornar inteligíveis determinados (por ex.º a existência de outra vida para além desta), determinados envelhos inquietantes, e como proporcional consequência o homem apela e recorre a instâncias sobrenaturais na tentativa de compreender e «aceitar» a existência de insondáveis problemas.

Mas a verdade é que esta vida mecanicista e materialista tem de ser aceite por quem não se quer ver desintegrado desta «robótica» vida em sociedade.

Se é verdade que a sociedade é o «germen» da maior parte dos problemas da humanidade, também não é menos verdade que o homem necessita de viver em sociedade, faz parte da sua essência.

O homem não é um ser totalmente livre, a sociedade depara-se-lhe como um «polícia» sempre vigiando as suas acções...

ESTA FOLHA TEM O  
PATROCÍNIO DE:

*Impetus* 



Desenho de ISABEL M.

## SOMBRAS DE VIDA

*Dia quente,  
Barulho de cidade.  
Ao virar de cada esquina  
Surge uma mão,  
Trémula, suplicante,  
Às vezes suja e enrugada,  
E um rosto marcado  
Pelas amarguras do tempo,  
Tudo vemos,  
Mas fingimos nada ver.  
Talvez porque a verdade seja essa:  
Nada vemos,  
Temos a nossa atenção  
Concentrada em «grandes causas»,  
Como política, economia,  
Tecnologia e progresso,  
E não atendemos  
Ao que é realmente importante.  
Pois são esses olhares,  
Esses rostos cansados  
Que nos espreitam  
A todo o momento,  
Como fantasmas,  
Porque não vivem.*

MARTA MARIZ MENDES (17 anos)

## FADA MADRINHA

*A minha fada madrinha  
Me protege noite e dia  
Porque ainda sou menina  
Orientar-me não sabia.*

*Sua varinha de condão  
Me transforma o mau em bom  
Tem na ponta dos seus dedos  
Trabalhos, carinhos, segredos.*

*Ainda o sol mal nasceu  
Já está a trabalhar  
Vai ganhar o sustento meu  
E tudo o que eu precisar.*

*Logo de manhãzinha  
Sua mágica varinha  
Já deixa a casa aseada.*

*Minha Mãe, minha Mãezinha,  
Minha Mãe, fada minha,  
Nunca te mostras cansada.*

ANA MAFALDA (12 anos)

## PAUSA PARA SORRIR

Num quartel, durante a instrução. Um recruta faz um exercício mal feito e o sargento, irritado, troça dele:

— Todas as pessoas da tua família são assim tão estúpidas como tu?

Muito calmo, o soldado responde:

— Não, meu sargento. Tenho um irmão que ainda é muito mais estúpido do que eu.

— Será possível? — ironiza o sargento. E acrescenta:

— E que profissão tem esse teu irmão?

— O recruta, muito senhor de si, sorri e responde:

— É sargento...

★

Dois cavalheiros conversam acerca de uma senhora que, já não sendo muito nova, é ainda bastante vistosa e elegante. Um deles, que está apaixonado por ela, diz, romanticamente ao amigo:

— Sabes, acho que ela tem alguma coisa de deusa.

— Tem, tem - responde o outro. E acrescenta:

A antiguidadel...

# PELO FUTEBOL: Um Presidente com vontade de... mas só se...

Por JOÃO PEDRAS

Foi giro ouvir a conversa ou entrevista entre o redactor desportivo de «O Novo Fangueiro» João Pedras, e o Presidente do Clube Futebol de Fão. Aquilo não foi uma entrevista a sério. Foi antes uma conversa entre dois amigos que até percebem de futebol, pelo menos de futebol fangueiro. Mas vamos ligar o gravador e ver como o primeiro se desenrascou e o último como se safou:

João Pedras — *Sentes-te arrependido por teres tomado conta do clube numa situação difícil como foi o início da época?*

Presidente — Arrependido, arrependido não me sinto, mas confesso que fiquei um tanto desiludido porque pensei que tivesse outros apoios que realmente não tive.

J.P. — *Apesar disso, pode dizer-se que te sentes satisfeito por estares a lutar por uma colectividade da terra?*

P. — Claro que me sinto satisfeito e quando digo que me sinto desiludido, quero referir-me ao apoio que a Junta dá. Ao que oiço dizer de outras juntas, a nossa não apoia nada o futebol.

J.P. — *Isso quer dizer que a Junta devia...*

P. — Dar mais do que aquilo que tem dado. Eu ouço dizer, por exemplo, que a Junta de Gandra paga a luz, paga uma série de coisas. Nós temos o caso da carrinha e eu falei nisso ao Presidente e disse-lhes que havia um fangueiro, antigo director, no tribunal por causa dela. Pedi um subsídio alegando que o Futebol devia ao antigo dono 600 contos e o Presidente disse que ia ver o que se podia arranjar, mas que não contássemos com esse número. Passados dias, deu-nos um subsídio de 70 contos. Claro que é pouco porque nós temos batido a algumas firmas particulares e até fora de portas, e a média delas ronda os 100 contos. Por outro lado, a gente ouve dizer que certas autarquias pagam a água, pagam a luz, pagam ao contínuo, enfim pagam muitas coisas. Eu fiz ver isso ao Fernando Pereira e ele respondeu-me que assim acontecia quando os campos eram da autarquia. Então eu ripostei, afirmando-lhe que se fosse necessário o campo de jogos passaria para a Junta. É que nós, só no campo, pagámos à volta de 50 contos por mês de luz. Além disso, temos o contínuo, temos mais o gesso, temos mais contas próprias dos jogos. É evidente que com esses apoios as despesas já seriam muito menos.

J.P. — *Quanto gasta o futebol por ano?*

P. — Eu, no início, previ 10.000 contos e a coisa não deve andar muito longe disso.

Hoje já se não faz só um treino por semana e tudo isso custa muito dinheiro.

J.P. — *Quanto a apoios são mais as pessoas de fora que ajudam ou são mais as de dentro?*

P. — Em Fão contamos com poucas ajudas. Se cada comerciante desse 5 contos, nem que fosse por ano, era já um bom apoio. Mas tal não acontece. Quando bato a cinco portas, se uma der, já é muito bom.

J.P. — *De qualquer modo, a equipa está a portar-se bem. Já estamos em fins de Abril e ela ocupa o 7.º lugar.*

P. — De facto estamos a fazer um campeonato jeitoso. Mas, com os jogadores que temos, podíamos ocupar um dos três primeiros lugares. Só que este ano aconteceu-nos uma série de azares. Nós de um plantel de 24 jogadores, só um é que não teve baixa. Tem havido muitas lesões e isso é muito mau. Só em



O Presidente do C. F. de Fão

massagista gastamos já 120 contos. Depois tivemos um azar pior. O guarda-redes Carlos emigrou e nós tivemos que procurar outro. Houve ainda a interdição de campo pelo que tivemos de realizar jogos fora e a equipa ressentiu-se.

J.P. — *Tu que já foste espectador e agora és actor, sentes que há diminuição de público a assistir aos jogos, que há menos entusiasmo?*

P. — Parece que agora há menos espectadores e mesmo esses pouca ajuda dão. Fazemos críticas que, em lugar de ser construtivas, são derrotistas. Já agora, aproveito para dizer que dantes não se pagava o policiamento e agora temos que o fazer. Por sua vez o campeonato esteve parado e isso fez diminuir as receitas. A assistência aos jogos não é famosa. O grupo que nos enche mais os cofres é o de Apúlia. Trazem muita gente. Com a maior parte dos outros, as despesas são maiores que as receitas. A arbitragem leva-nos 12.500\$00, a G.N.R., 16 mil e muitas vezes não apuramos esta verba. Muitos jogos não ultrapassam os 15 contos.

J.P. — *E os jogadores têm os pagamentos em dia?*

P. — Às vezes, não, mas é tudo boa gente. Nós temos vindo a pagar com regularidade os prémios dos jogos. Quer dizer, enquanto temos dinheiro, pagámos. Quando não temos, não pagámos. Eles entendem isso porque foi assim que a gente combinou: havendo dinheiro, há prémios; não havendo, não se paga.

J.P. — *Os colegas da Direcção, têm-te ajudado?*

P. — As pessoas daqui pensam que um indivíduo por ser presidente deve fazer tudo. Eu entendo que todos deviam trabalhar à mesma como se não houvesse cargos. Todos deviam trabalhar colegialmente sem que o presidente trabalhasse mais do que qualquer vogal. Uma direcção deve ser um bloco. Foi o que disse de início aos meus colegas: que não havia presidente, nem tesoureiro, nem nada. É por isso que arranjar presidente se torna difícil.

J.P. — *E quanto a apoios da Câmara?*

P. — Tudo tem corrido normalmente e nós aí não podemos reflar porque há regras previamente estabelecidas. A nós, que estamos a militar na 1.ª Regional de Braga, cabe-nos 630 contos, como a todos os clubes do mesmo escalão. Com a nossa autarquia é diferente, porque somos só nós. E podemos acrescentar que a maioria dos jogadores é gente da terra. Em qualquer equipa que se apresente em campo o maior número de atletas tem a marca da casa. Isto devia ser regis-

tado porque nem sempre tem acontecido em épocas anteriores.

J.P. — *Quantos sócios tem o clube?*

P. — À volta de 200.

J.P. — *E a pagar?*

P. — Não mais de dez. Falta-nos um cobrador. Muitos sócios não pagam as quotas porque ninguém lhes vai bater à porta. Nós tínhamos um cobrador que fazia esse serviço de borla. Era o Eusébio. Começaram a dizer que metia o dinheiro ao bolso e ele desistiu. Trabalhou só uma semana ou duas.

J.P. — *E não se arranja outro?*

P. — É um lugar sempre ingrato. Ninguém gosta de andar a bater às portas a pedir dinheiro. Está sempre sujeito a piadas. «Arranjaste um bom tacho». «Vê lá se entregas isso». E outras coisas mais. Ninguém gosta de ouvir este tipo de afirmações. Se houvesse um bom número de sócios pagantes, isso dava mais alento aos directores. Também aconteceu que o clube criou duas espécies de associados: os normais e os especiais. Estes pagavam uma quota suplementar de uma só vez. Mas às tantas fez-se uma mistura. Os sócios que eram normais deixaram de o ser por pagarem a tal cota. Isto criou confusão e hoje já nem pagam qualquer mensalidade nem a cota anual, salvo honrosas excepções.

J.P. — *Diz-me lá a diferença que sentes quando vais ver um jogo na função de director em contraste com os jogos em que assistias quando eras simples associado.*

P. — A diferença é que agora tenho compromissos e dantes não os tinha. Surgem-nos situações a que nós temos de dar a cara e que somos obrigados a resolver. Sentimo-nos obrigados a chegar a horas ao passo que anteriormente podia dar-me ao luxo de chegar atrasado ou de sair mais cedo. Depois são as bocas para nós, para o treinador, o que é uma injustiça. Se esses «boqueiros» soubessem as condições em que o treinador trabalha, davam-lhe mais valor. Esta época recebeu só três meses o «ordenado» que até é baixo. É como o de um jogador. O primeiro foi o Tone Carreira quem o ofereceu. Além de ser treinador, trabalha como director. Vai pedir dinheiro para o clube a empresas de quem é amigo. O ano passado deixou ao clube perto de 400 contos do seu bolso. Pode dizer-se mal de um homem destes?

J.P. — *Neste momento qual é a situação financeira deste clube?*

P. — Devemos dinheiro, nomeadamente 500 contos que levantamos do Banco.

J.P. — *A propósito do Banco, é verdade que vós levantastes 800 contos alienando os bens do F.C. de Fão?*

P. — É mais uma «boca». Nós pedimos 500 contos numa época difícil mas os Directores responsabilizaram-se individualmente.

J.P. — *Qual é o maior problema com que o F.C. de Fão se debate hoje?*

P. — O maior problema é o clube não ter um presidente magnata como um Jorge de Brito. Se o fosse, pegava em mil contos e resolvia todos os problemas.

J.P. — *Mas o clube tem assim tantas dívidas?*

P. — Bem, falta ainda um mês e quem tinha a dar já deu. Aquelas empresas do costume. Nós ainda temos a receber da Câmara trezentos e quarenta contos. Mas temos que ir Tateando, até porque algumas firmas estão a acusar a crise com que o país se debate.



Um aspecto da entrevista

J.P. — *Achas que o «tal» pavilhão seria benéfico para o futebol?*

P. — Sem dúvida que sim.  
 J.P. — *Ele só prestaria para dar dinheiro?*  
 P. — Claro que não. Iriam praticar-se lá várias modalidades como basquetebol, hóquei em patins, andebol e isso seria muito benéfico para a juventude.  
 J.P. — *Ao fim e ao cabo o Clube Náutico era uma aspiração bastante recente enquanto o pavilhão é uma idela antiga. Como é que se construiu aquele primeiro?*

P. — Eu creio que a existência de um Belmiro Penetra, com toda a carga de vitórias conseguidas, ajudou ao levantar do pavilhão. Na canoagem há desportistas de alta competição enquanto nos outros desportos não há foras de série. Se o futebol tivesse um pavilhão ou pudesse dispôr de um, junto à receita da sede, podíamos pensar em subir à Terceira Divisão.

J.P. — *A sede do clube está a andar bem?*  
 P. — Está a dar o normal. Por acaso temos um bom empregado que quando é preciso trabalhar horas extras, fá-lo gratuitamente. À parte certo comportamento de alguns frequentadores, não há dúvida que a sede é uma boa ajuda.

J.P. — *Então vamos lá a ver. Vocês têm uma boa sede, um bom empregado, um bom treinador e, vá lá, um bom presidente, assim sendo, temos já direcção para o ano ou quê?*

P. — Tudo é possível. Depende das circunstâncias. Para já há dois elementos ou três que não se importariam de continuar. Pode tornar-se fácil ser direcção do clube de futebol. É uma questão de tudo se arranjar a tempo e horas. O que é preciso é que a direcção seja homogénia ou então que se arranje uma comissão de apoio. Mas eu suponho que uma direcção com 15 elementos dispostos a trabalhar, sem se atermem uns aos outros, é quanto basta.

J.P. — *Ao fim e ao cabo estás desencantado com o futebol?*

P. — Desencantado não se pode dizer. Eu gosto do futebol.

J.P. — *Mas vats continuar?*

P. — Eu até gostava. Entre os jogadores, técnico e directores há uma amizade que nos outros anos não se verificava. Nós temos meia dúzia de jogadores da Póvoa que já se encontram aqui há vários anos. Já têm raízes. Estou convencido que há clubes que lhes dariam mais dinheiro, mas eles preferem Fão. Torna-se-lhes difícil despegarem daqui. De modo que se se arranjar uma equipa dirigente que trabalhe, eu até sou capaz de ficar, não necessariamente como presidente mas num outro cargo qualquer. Tudo é possível.

JOÃO PEDRAS

## AS FESTAS DO SENHOR DE FÃO (UM OUTRO OLHAR)

Mais uma vez Fão se aliñdou para a sua festa anual, que como todos sabem é dedicada ao Senhor Bom Jesus de Fão.

Dava satisfação como tudo se conjugou para que na data aprazada tudo estivesse pronto e bonito.

Os enfeites das ruas, lá se iam levantando, a iluminação nos sítios adequados, as ruas, na medida do possível, consertadas, etc. etc.

Quanto ao programa, era constatar que a cultura, também teve o seu lugar bem vincado.

No dia 3 de Abril foi inaugurada uma exposição de pintura e cerâmica, na Cooperativa Cultural de Fão, da artista Júlia da Silva Andrade, com trabalhos muito apreciáveis que revelam um nível artístico a considerar.

Também no Centro Cultural, havia uma belíssima exposição de trabalhos feitos com conchas e coisas do mar que encantou quem a viu.

É seu autor, António Teixeira Dias, que tem já uma longa carreira e continua a ser muito apreciado.

Havia outra exposição de pintura que veio aumentar o interesse pelas artes plásticas em Fão. É seu autor Celestino Jerónimo, que revela já uma carreira em perspectiva.

Noutra sala, Mário Fernandes, expôs uma colecção de fotografias de flores que mostram bem o seu amor às belezas naturais. Parabéns.

Como sempre, o célebre tapete de flores, executado pelos irmãos Matias, estava muito bonito. Ele revela muitas coisas: Arte, imaginação, paciência, perseverança, mas sobretudo um grande amor fangueiro. Parabéns e obrigado.

A parte musical não ficou atrás. As Marchas, que dizer delas? Bem ensaiadas, bem vestidas e bem cantadas. As raparigas e não só... mostraram bem, que em Fão, ainda há gente com garra.

Todas as marchas tinham a sua particularidade.

Se uma tinha melhor marcação, havia outro que possuía a melhor música, ou então o melhor traje, e assim todos tiveram os mesmos aplausos. Os arcos luminosos, faziam realçar as características dos seus bairros respectivos.

Fão tem um potencial humano que é preciso aproveitar.

Demonstra-o, todos os anos, o entusiasmo com que é organizada a festa do Sr. de Fão.

As prôpias crianças, como sempre foram encantadoras.

O povo veio todo para a rua e é notável ver tanta gente que, nos dias normais não aparece e deixa as ruas de Fão desertas. É um fenómeno que me ultrapassa.

Pena foi ter acontecido a falta de luz. Mas o povo ficou firme e não arredou pé. Mostrou nesse gesto um acto de confiança, perante os organizadores. Parabéns.

Falar do fogo é um pouco ousado da minha parte. Não sou técnica nesse assunto e portanto só sei dizer que era lindo. O efeito daquela franja de luz na ponte foi deslumbrante.

Os conjuntos animaram a festa e os fados de Coimbra, como sempre, vieram dar a nota nostálgica da alma portuguesa. A par disto tudo, havia as barracas, os divertimentos, a música no ar e as luzes que davam a Fão o ar duma verdadeira festa. Parabéns pelo esforço dos responsáveis da festa.

A queima do Judas também teve o seu ponto alto, nestas comemorações.

No cais, no dia 16 de Abril, abriu o Bar Amazônia, que veio também animar o período das festas. Parabéns e longa vida próspera, é o que desejámos aos seus proprietários

Celestino Fradique Alves e Fernando Alves do Vale.

É bom que Fão vá crescendo tanto na área da cultura, como no comércio. Força fangueiros.

Vou acabar com um pensamento: Os indecisos perdem metade da vida; os enérgicos duplicam-na.

CECÍLIA PAIXÃO DE AMORIM

### VISITA

*Fui ver a laranjeira,  
Um leque aberto de perfume e cor,  
E um zumbido ao redor,  
A prometer doçura à sua beira.*

*Como era Primavera,  
Uma esperança havia,  
De frutos e sabor  
Em cada novo ramo esmeraldino.*

*Mas eis que um preto melro resolvera  
Fazer lá o seu lar.  
E o dono do pomar,  
Nas tardes e manhãs, então, colbia,  
A virginal e pura melodia  
Daquele mavioso violino.*

DINIS DE VILARELHO

### Conservadora dos Registos Civil, Predial e Comercial

*Por ter sido colocada na Conservatória do Registo Predial de Leiria, cessou as suas funções em Esposende a dr.ª Maria do Céu Nelva Portela.*

*Teve a amabilidade de nos apresentar cumprimentos de despedida.*

*Pouco foi o contacto que tivemos com a ex-Conservadora de Esposende. De qualquer modo foi o suficiente para lhe captarmos dotes notáveis de inteligência, um saber seguro, muita amabilidade e um grande sentido de tolerância.*

*Que seja feliz nas suas novas funções.*

# CRONOLOGIA DA HISTÓRIA DE FÃO

(Continuado do número anterior)

[Doc. IV]

## «Documento enviado pela Junta de Paróquia de Fão à Comarca de Barcelos»

(3) «Tendo requerido os habitantes da freguesia de Fão ao governo de Sua Majestade a Senhora D. Isabel Maria, Infanta regente, para que esse Governo consentisse que os requerentes pagassem o imposto de um real em arratel e quartilho de vinho, que nesta freguesia se vendesse para com o produto do dito real se proceder à vedação das areias em terrenos seibes da Sereníssima Casa de Bragança, pois que a freguesia de Fão ia desaparecendo submersa em areias, houve por bem essa real Senhora atendeu aos requerentes ordenando por portaria à Comarca de Barcelos e depois à de esposende que cobrassem o real ou imposto pedido e aplicassem a estacadas, sementação de pinheiros e que depois de completo o trabalho da vedação a Câmara de esposende pelos cofres do Município fizesse conservar aquele pinhal e mais obras cuja despesa deveria ser insignificante, o que assim acontecia pois as arrematações de plumas e rama seca davam para o pagamento aos reparos daquela obra».

### «Pergunta-se»

1 — «Estando hoje aforados os terrenos desses pinheiros e mais trabalhos, poderão os moradores da freguesia chama-lhes seus, e haver por arrematação o produto dos mesmos?»

1 — (resp.) «Sendo o imposto requerido pelos moradores da freguesia de Fão, e pago por eles, e a eles que aproveitam e pertencem os proventos resultantes da sua aplicação, por isso a sementeira de pinheiros as estacadas, e as mais obras operadas, e pagar por tal imposto têm de se considerar como benfeitorias praticadas nos terrenos pertencentes à Sereníssima Casa de Bragança, que não estão compreendidas nos aforamentos que esta posteriormente foi a esses terrenos; podem porém usar da faculdade e direito que lhes dá o artigo 2308 do Código Civil para se apropriarem dos pinheiros e das mais benfeitorias, pagando-as».

2 — «No caso afirmativo deverá ser a Junta de Paróquia ou a Câmara Municipal quem tenta a acção?»

2 — «O facto de ser a Câmara encarregada de fiscalizar a cobrança, aplicação do imposto não lhes confere direito às benfeitorias que dele resultaram, e por isso parece-me que é a Junta de Paróquia e não a Câmara Municipal, parte legítima para pleitear, quer como autora, quer como ré sobre esse assunto».

3 — «Pela afirmativa quais os meios a empregar?»

3 — «Se a Junta de Paróquia receia que lhe destruão os pinheiros, pode usar contra eles da acção comunitária que autoriza o artigo 485 do Código Civil; se porém reconsidera da esbulhada do seu direito, e quer fazê-lo valer reivindicá-lo, só pode usar da acção ordinária».

### Notas: [Doc. III]

• Esta provisão foi confirmada por uma portaria em 1837, voltando a repetir-se em 1853, em 17 de Março, pela 3.ª Repartição dos Negócios do Reino.

• Em 18 de Janeiro de 1870 passou do Ministério do Reino, direcção Geral da Administração Pública e Civil seguindo para a

repartição 27.ª com o número 1521, da Portaria de Sua Majestade El-Rei, por officio ao Governo Civil de Braga, para que cessasse aquele imposto e dominasse o real «d'areia», cumprindo a Câmara municipal da conservação do pinhal cuja despesa seria insignificante pelos rendimentos gerais do Concelho.

### NOTAS:

(1) Sublinhe-se «um Convento de Religiosos e as casas de uma rua», existentes debaixo das areias, como sendo um facto importante para a História de Fão.

(2) Documentos sem data.

(3) Documentos sem data.

4 — Livro denominado: [Entradas e saídas dos dinheiros dos rendimentos do real imposto para o despejo das areias da freguesia de Fão]. Volume I e pág. 21.

5 — Livro da colecção das leis, pág. 90 e outros documentos oficiais, publicados em 1838.

6 — Livro segundo da ordenança, título 40.

## RESTAURANTE-BAR

Ofir

Junto ao Hotel do Pinhal

# BIANCHI E NERI

HAMBURGERS  
CROISSANTS  
GELADOS  
PIZZAS

Refeições completas ou ligeiras, no interior, na esplanada ou levar para fora («take away»).

Agora também com serviço de Restaurante

Av. da Praia — Ofir — Tel. 053 - 981473

Optica  
Oliveira

ALEIXO FERREIRA, LDA.

## GABINETE DE OPTOMETRIA E CONTACTOLOGIA

(CONSULTAS GRATUITAS)

Rua da Misericórdia, 4-6 — Tel. 75777

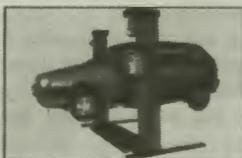
4700 BRAGA



# REIMELI

EQUIPAMOS HOJE AS GARAGENS DE AMANHÃ

ALTA TECNOLOGIA · ASSISTÊNCIA TÉCNICA  
APROVEITE O CRÉDITO REIMELI/LEASINVEST



ELEVADORES 2 COLUNAS



TESTE DE TRAVÕES



LAVAGEM AUTOMÁTICA



ELEVADORES 4 COLUNAS



LAVAGEM ALTA PRESSÃO

Visite as nossas Exposições:

**REIMELI**

PORTO — RUA 5 DE OUTUBRO, 212 — TEL. 60 91 018 - 60 83 748 — FAX 66 73 85  
LISBOA — RUA ANDRÉ GOUVEIA, LOTE 1693 — TEL. 759 72 04 — FAX 7567206

# PÁGINA AGRÍCOLA

Por A. RAMOS ASSUNÇÃO



## CULTURA DO FEIJOEIRO

(Continuado do número anterior)

**Variedades de pergaminho** — As vagens não podem ser consumidas a não ser que sejam muito tenras, caso em que a colheita deve ter lugar em fase de desenvolvimento pouco avançada.

**Variedades «come-se tudo»** — As vagens não possuem fio nem consistência de pergaminho, sendo comestíveis e podendo ser colhidas em fases mais avançadas de desenvolvimento. Estas variedades tendem a substituir as anteriores em virtude de possibilitarem a mecanização da respectiva cultura e da maior facilidade com que são preparadas para conserva.

Actualmente, os trabalhos de selecção do feijoeiro têm-se orientado sobretudo no sentido de se obterem variedades:

— com elevado grau de resistência às doenças que causam maiores prejuízos (casos de antracnose e de certas viroses, como o mosaico);

— de amadurecimento tão precoce quanto possível;

— de produção densa e elevado rendimento permitindo, simultaneamente, a mecanização da colheita.

### 4.2. Características gerais de algumas variedades

**Variedades rastreas (anãs):**

**Carrapatinho (Sangue-de-Boi)** — Vagem verde, curta e direita. Grão amarelo ou cor-de-vinho.

**Da Guarda (Espanhol, Cor-de-Cana**

**ou Manteiga)** — Vagem verde e comprida. Muito produtiva. Grão cor de café com leite. Temporã. Boa variedade tanto para a produção de vagem como para a de grão seco.

**Fidalgo** — Vagem branca, comprida e curva. Grão branco sobre o comprido, muito tenro.

**Foice Rasteiro (Manata)** — Vagem comprida, curva, muito carnuda e tenra. Variedade temporã. Produz feijão verde com óptimas qualidades para o mercado.

**Missouri** — Vagem sem fio. Conserva-se tenríssimo durante muito tempo. Variedade americana.

**Mont d'Or** — Vagem amarela, sem fio, carnuda e tenra. Elevada produção. Grão preto. Muito precoce. Variedade francesa.

**Princesse** — Vagem verde, muito carnuda. Variedade holandesa.

**Ratinho (Patateco Rasteiro ou Foice Rasteiro)** — Vagem verde, comprida, direita, carnuda e tenra. Grão encarnado. Variedade muito temporã.

**Rocquencourt** — Vagem amarela, comprida e curva. Sensível à antracnose e viroses. Variedade francesa.

**Variedades de trepar:**

**D. Carlos** — Vagem verde, comprida e muito carnuda. Saborosa.

**Da Holanda** — Vagem verde, larga e ligeiramente curva. Grão branco raia-do de vermelho, grande.

**De Bancanta (do Porto, Beirão ou Douradinho)** — Vagem verde, comprida, larga e curva. Grão castanho-arroxeadado, raia-do. Variedade magnífica para vagem e para grão.

**Ervilhoto** — Vagem creme e grão cinzento. Variedade muito produtiva.

**Foice (Patateco)** — Vagem verde,

comprida e curva (em forma de foice). Grão vermelho. Uma das variedades mais usadas em Portugal.

**Maravilha de Portugal** — Vagem verde, comprida e ligeiramente curva. Grão vermelho.

**Reio dos Foices** — Vagem verde, comprida e muito tenra. Grão preto.

**S. Fiacre** — Vagem verde ou amarela, comprida (20-25 cm), cilíndrica, carnuda, tenra e saborosa. Grão escuro. Produção abundante. Variedade temporã, com ciclo de 90 dias. Resistente ao calor.

### Variedades para a cultura em estufa

Segundo RIBER, uma boa variedade para a produção de vagem em estufa deve reunir as seguintes características:

- precocidade
- grande produção
- frutificação precoce
- frutificação escalonada
- vagens verdes ou amarelas, lisas e

direitas, sem tabiques entre as sementes, sem fio e sementes pouco desenvolvidas.

A título meramente informativo referem-se a seguir as variedades mais adaptadas em França e em Espanha:

**Argel (Manteifa Negro)** — Muito produtiva. Vagem de coloração amarelada, com 10-12 cm de comprimento, curva e carnuda.

**Blue Laice S-7** — De trepar. Vagem verde, cilíndrica, com cerca de 15 cm de comprimento e 8-9 mm de diâmetro. Grão branco.

**Blue Lake 271** — Rasteira. Vagem verde, cilíndrica, com 12-16 cm de comprimento e 8 mm de diâmetro. Grão branco.

(Continua no próximo número)



# Basta

## a melhor alternativa

**Herbicida total**

**Largo espectro • Acção rápida • Flexibilidade • Segurança**

Para mais esclarecimentos consulte o Departamento de Agricultura da Hoechst Portuguesa S.A.

	MEM MARTINS	PORTO
TELEFONE	921 21 80	66 70 51
TELEX	16 380	22 706
FAX	922 25 77	69 05 70
MORADA	APARTADO 6 2726 MEM MARTINS CODEX	APARTADO 1041 4101 PORTO CODEX

**Hoechst - um amigo na agricultura**

**Hoechst** 

Cap. Soc. 5 000 000 000000000000 Reg. Com. Sítio n.º 1436

# HSM HORTO S. MAMEDE

DECORAÇÕES  
JARDINAGEM  
AGROQUÍMICOS

Telef. 901 11 78 — Telex 29893 — Fax 901 11 78  
Rua Padre Costa, 652 • 4465 S. MAMEDE DE INFESTA

## CALIBRADORES DE FRUTA GREEFA

CALIBRADOR  
A3 / AM



PORMENOR DE QUEDA  
DE CALIBRADOR  
POR PÊSO



DESCARREGADOR  
E ELEVADOR



CALIBRADOR  
POR PÊSO  
4 LINHAS



TAÇAS DE CALIBRE  
POR PÊSO



PRÉ-CALIBRADOR



SISTEMA "TRAY-PACKING"

TELEF. 044/81 23 22  
FAX 044/81 23 02  
TELEX 43811

**SONDECA**

APARTADO 12  
PARCEIROS  
2401 LEIRIA CODEX

## FALECIMENTOS

Chegou-nos a notícia vinda do Brasil, que neste país irmão faleceu o nosso conterrâneo Domingos Monteiro que tinha 72 anos.

— Também tivemos conhecimento que na freguesia de Gemunde, Maia, onde residia, faleceu com 59 anos de idade, o nosso amigo Manuel de Sequeira que nos seus tempos áureos foi um grande carola de Fão.

Tanto o Sequeira como o Domingos foram vítimas de doença incurável. Às duas famílias em luto apresentamos sentidos pêsames.

## DO BARSIL

Já regressou do Brasil o casal Rosália/Adelino Saraiva. Estes conterrâneos estiveram em casa do nosso amigo Lemos (que jurou visitar Fão para o ano) e ainda em casa do Maximino que deve ser neste momento o fangueiro mais roído de saudades por Fão. O Amândio Caramalho também os visitou e também vibrou de saudades.

Não há dúvidas que estes encontros de fangueiros ausentes servem para minorar a dor da ausência e foi precisamente o que aconteceu sempre que o Adelino e esposa puderam encontrar-se com conterrâneos. Encontrar-se e conviver.

Para o ano, se a saúde não estiver pior, tentaremos dar um salto até terras de Santa Cruz. Deus o queira.

## Pagaram a assinatura

1990/91/92/93 — Dr. José Barros de Oliveira, Esposende, 3000\$00; Franklin Gaifém Campos, Fão, 3000\$00. 1991/92/93 — Restaurante Rita Fangueira, Fão, 3000\$00. 1991/92 — Henrique Matos, Fão, 1.500\$00; José António Matos Monteiro, 1.500\$00. 1992 — Alcindo do Vale Gonçalves, Apúlla, 1000\$00; Victor Fontes, Braga, 1000\$00; Domingos Assunção, Fão, 750\$00; D. Catarina Assunção Costa Gonçalves, Póvoa, 750\$00; Francisco Santos Solinbo, Fão, 750\$00; Reitor Sá Pereira, Fão, 1000\$00; D. Elvira Pires de Carvalho, Fão, 1000\$00; António Soutelo, Fão, 750\$00. 1992/93 — Alberto Cabelheiro, Esposende, 1500\$00; Aurélio Fernandes Filipe, Fão, 1500\$00; D. Cecília Patção de Amorim, Lisboa, 2000\$00. 1993 — Júlio do Vale Morgado, França, 1000\$00; Ramiro Capitão, Austrália, 1000\$00; Dr. Joaquim Hernâni Vinha Novels, Fão, 1000\$00; Domingos José Lobarinbas da Quinta e Costa, Barcelos, 1000\$00; D. Zita Madalena Saraiva Marinho, Fão, 1000\$00; Dr. Jorge Arelas, 1000\$00; Nelson Moreira Cardoso, Porto, 1000\$00; Manuel da Costa Figueiredo, Fão, 750\$00; D. Maria de Lurdes Campos Pereira, Fão; D. Maria Emília Viana Espujeira, Brasil, 1000\$00; Valdemar Machado Viana, Brasil, 1000\$00; José Martins Correia, Espinbo, 1000\$00; D. Anabela de Sá Pereira Correia, Espinbo, 1000\$00; D. Maria Adelaide Cardoso Oliveira, Fão, 800\$00; Miguel Guedes Machado, Braga, 1000\$00; Manuel Ribeiro da Costa, Fão, 750\$00; José Albino Bandeira dos Santos, Suíça, 1000\$00; Arlindo Moreira Fernandes Cruz, Porto, 1000\$00; Eng.º Fernando Américo Losa, Esposende, 15.000\$00; Francisco Gomes de Amorim, Fão, 750\$00; D. Orentina Gomes Solinbo, Braga, 1500\$00; Dr. Abílio Ferreira Marques, Porto, 750\$00; Manuel Branco, 750\$00; Paulo Branco, Póvoa de Varzim, 1000\$00; Adelino Monteiro, Fão, 750\$00; Domingos Monteiro, Brasil, 1000\$00; Crispiano Morgado Caseiro, Fão, 750\$00; António Carlos Graça Pelxoto, Guimarães, 1000\$00; Paulino Pinto de Campos, Porto, 750\$00; D. Berta Pinto de Campos, Fão, 750\$00; António Lopes Monteiro, Barcelos, 1500\$00; Fernando Marques Pereira de Almeida, Porto, 1500\$00; D. Cremilde Lopes Costa, Brasil, 1500\$00; Rev. Padre Dinis de Vilarelho, Gondomar, 1500\$00; D. Denise Maria Silva Vila Lobos, Sintra, 1500\$00; Raúl Gonçalves Calafate, Fão, 1000\$00; João Francisco Fernandes, Fão, 1000\$.

# ALGUMAS COMPARAÇÕES PARA MEDITARMOS

- Quando alguém demora muito tempo para fazer alguma coisa, ela é lenta; mas quando sou eu que demoro, sou metucioso.
- Quando determinada pessoa não faz alguma coisa, ela é preguiçosa; mas quando sou eu que faço, estou demasiado ocupado.
- Quando alguém faz alguma coisa sem que se lhe tenha pedido, ela está ultrapassando as suas atribuições; mas se sou eu a fazê-la, tenho iniciativa.
- Quando alguém defende com energia a sua opinião, está sendo cabeçuda; mas se sou eu a ter essa atitude, estou sendo firme.
- Quando alguém comete um erro, é claro tinha que acontecer; porém, quando sou eu a cometer um erro, ora, que falta de sorte.
- Quando alguém negligencia alguma regra de etiqueta, é porque é rude; quando isso acontece comigo, é porque estou distraído.
- Criticamos a teimosia, mas louvamos a persistência.

A primeira é uma das características do nosso vizinho, enquanto a outra é uma das nossas qualidades.

- É difícil corrigir as nossas faltas porque só as reconhecemos nos outros.

## SÊ

Se não puderes ser um pinheiro no topo da colina, sê um asbusto no vale — mas sê o melhor arbusto à margem do regato .  
Sê um ramo se não puderes ser uma árvore.  
Se não puderes ser um ramo, sê um pouco de relva e dá alegria a algum caminho.

Se não puderes ser uma estrada  
Sê ao menos uma senda.  
Se não puderes ser sol, sê uma estrela.  
Não é pelo tamanho que terás êxito ou fracasso...  
Mas sê melhor no que quer que sejas!

autor

DOUGLAS MALLACH

## JOSÉ JACINTO PEREIRA RIBEIRO

### COMÉRCIO E INDÚSTRIA DE CARNES

BOI — VITELA — CABRITO — PORCO — ETC.

*Especialidade em fumetro caseiro*  
*Fornecedor de Hotéis - Restaurantes - Cantinas*

TALHO N.º 1 — TEL. (053) 981920 — AV. DA PRAIA  
TALHO N.º 2 — TEL. (53) 981946 — RUA DOS SARGACEIROS  
TELEF. RESIDÊNCIA: (053) 981538  
APÚLIA — 4740 ESPOSENDE

## O NOVO FANGUEIRO

Mensário regionalista

DIRECTOR: Armando Saraiva

CHEFE DE REDACÇÃO:  
Maria Emília Corte-Real

### COLABORADORES PERMANENTES

Armando Saraiva  
Maria Emília Corte-Real  
Tia Mariquinhas  
Fernando de Almeida  
Cecília de Amorim  
Dinis de Vilarinho  
José Ramos da Silva  
A. Ramos Assunção  
Quim de Fão  
Agonia Pereira  
João Pedras  
José Maria Machado do Vale

PROPRIEDADE:  
Armando dos Santos Saraiva

ADMINISTRADORA:  
Zita Saraiva

REDACÇÃO E ADMINISTRAÇÃO:  
R. de Cima n.º 5 — Fão  
Telefones 961475 - 962150

COMPOSIÇÃO E IMPRESSÃO:  
BINOGRÁFICA  
Praça João XXIII — Telef. 684318

Assinaturas de «O NOVO FANGUEIRO»:  
Anual..... 750\$00

A cobrança de «O Novo Fanguero» através dos Correios será por conta do assinante.

## ENTRE O RIO E O MAR, JUNTO AO ESTUÁRIO DO CÁVADO

Facilidades Especiais para:

BANQUETES

Casamentos  
Baptizados  
Aniversários

Reuniões de Empresas  
Estágios Desportivos

BUNGALOWS (TO, T1, T2) nos jardins das piscinas, a preços PROMOCIONAIS POR DIA, SEMANA OU MÊS

Desde: dia: 5.000\$00 — 15 dias: 50.000\$00 — semana: 30.000\$00 — 1 mês: 90.000\$00

## HOTEL DO PINHAL

OFIR - FÃO — 4740 ESPOSENDE  
TEL. 053 - 98 14 73  
FAX 053 - 98 22 65



## A Centopeia «TRICLA-TRUCLA»...

A Dona Centopeia era muito arranjadinha e causava admiração a toda a bicharia da vizinhança, porque usava sempre chapéu, sapatos e tudo.

Certo dia, a Dona Centopeia, que tinha muitos pés, viu que os seus sapatos já estavam todos gastos e rotos. Resolveu portanto ir a uma sapataria e calçar-se toda de novo. E aí foi ela, para comprar cem sapatos para as suas cem patinhas. E foi um grande problema, para a Dona Centopeia e para o homem da sapataria, pois a centopeia experimentou muitos e muitos sapatos, que davam bem numa pata, mas não serviam na outra... depois de mais de duas horas, lá ficou toda calçada mas, como não havia cem sapatos todos da mesma cor, acabou por escolher uns vermelhos, outros verdes, outros amarelos, etc.

Pagou uma conta muito grande, saíu da loja e principiou a andar. Os sapatos, porém, por serem novos, começaram a ficar muito apertados e a magoar muito. As dores eram tão grandes, que a pobre da Dona Centopeia não pôde mais, começando a descalçar-se, de tal maneira que guardou metade dos sapatos no embrulho, pondo-se a andar apenas com cinquenta, ou seja, vinte cinco sapatos de um lado e vinte cinco sapatos do outro.

E lá foi, rua fora, a manquejar e a fazer um barulho muito esquisito, ao pousar, alternadamente e no chão, as patas calçadas e as patas descalças. TRICLA-TRUCLA, TRICLA-TRUCLA, fazia ela ao entrar finalmente na casa, velha e abandonada, onde vivia. Fez tanto barulho, que acordou toda a vizinhança, desde o Sr. Mosquito indiscreto, até à Dona Aranha, muito velha e má, que vivia numa trave do telhado. E quando os bichos viram a pobre da Dona Centopeia, meia calçada, meia descalça e com o embrulho às costas e repararam melhor no barulho que fazia, principiaram a troçar... — Olha a centopeia TRICLA-TRUCLA... olha a centopeia TRICLA-TRUCLA!... — Até a Senhora Mosca — que não tinha onde cair morta — também se juntou à gritaria, rindo-se da pobre da Dona Centopeia.

Toda a paciência tem limites e a centopeia acabou por perder completamente a calma, pousando o embrulho, descalçando os cinquenta sapatos, novos e coloridos e pondo-se a correr, ameaçadora, atrás de todos aqueles bichos malcriados.

Quando tudo finalmente serenou, a Dona Centopeia foi para o seu cantinho, na portada de uma janela, para se acalmar e descansar. Porém, a Dona Aranha, mãe, desceu pelo fio da sua teia e berrou novamente bem alto: — És a centopeia TRICLA-TRUCLA! — e a infeliz da Dona Centopeia teve que aguentar, porque a Dona Aranha era muito grande e perversa, assim aceitando a alcunha que lhe haviam posto. Não deixou contudo de protestar, baixinho e mais uma vez, dizendo que não tinha culpa dos sapatos novos lhe terem magoado as patas. Sentida e resmungando, acrescentou que o ser arranjada e gostar de ser bonita não faz mal a ninguém... adormecendo depois, fatigada, enquanto que a Dona Aranha, má, continuava a dizer, baixinho: — TRICLA-TRUCLA... TRICLA-TRUCLA...

ALTAMIRO ALMEIDA MARQUES

## FUTEBOL

Últimos resultados: Realense, 3 - Fão, 3; Sequeirense, 1 - Fão, 1; Fão, 5 - Arnoso, 0; Lagense, 4 - Fão, 1; Fão, 0 - Viatodos, 1; Antas, 2 - Fão, 0; Fão, 1 - Tibães, 1.

### Classificação:

	J	V	E	D	G	P
Águas Graça.	30	21	7	2	64	24
Ribeirão .....	30	20	7	3	52	19
Apúlia .....	30	14	11	5	40	25
Realense .....	30	14	11	5	40	26
Gondifelos.....	30	12	10	8	47	39
Viatodos .....	30	12	7	11	33	31
Fradelos.....	30	12	6	12	38	39
Amoroso.....	30	9	11	10	30	33
Tibães .....	30	9	11	10	29	34
Lagense .....	30	9	10	11	33	37
FÃO .....	30	9	10	11	34	34
Maximinense .	30	8	11	11	31	35
Forjaes .....	30	10	6	14	34	35
Antas .....	30	8	10	12	28	40
Aveleda .....	30	8	9	13	21	29
Telhado .....	30	5	12	13	30	49
Sequeirense...	30	4	12	14	26	38
Lousado.....	30	2	7	21	16	58

## COMENDADOR ALCINO SOUTINHO

No dia dez de Junho foi condecorado com a Ordem Militar de Santiago da Espada o nosso prezado assinante Arquitecto Alcino Soutinho.

Frequentador, desde os tempos beróticos, da nossa praia, o Arquitecto Soutinho está ligado a Fão por grande amizade e por laços familiares: é genro da «nossa» Cecília Amorm.

Congratulações.

## FESTAS «À FÃO»

As festas do Senhor de Fão abrem, por assim dizer, o ciclo de festejos populares que se estendem no concelho por todos os meses veranejos e vão terminar no S. Martinho de Gandra, em Novembro. Costumavam ser umas festas de arromba cuja ressonância se media pela fama das «músicas» contratadas e pela potência, fragosidade e duração do estampido dos foguetes. Agora a diversidade dos programas é maior e com carácter absoluto não se pode dizer que umas são melhores e outras piores. É lógico que a quantidade de visitantes e a extensão dos dias sobre os quais se estende a festa constituem factores a ter em conta.

Nos bastidores dos festejos há sempre uma comissão que trabalha, por vezes, ou a maior parte das vezes, afanosamente, mas cujo rosto, o rosto dos festeiros, mal sai à luz do dia. Só na terra são conhecidas as pessoas que fazem parte das comissões, comissões que trabalham enquanto os outros se divertem.

Por isso os comissários breve se cansam. Por isso as comissões tardam a aparecer. Por isso o Juiz da Irmandade do Senhor Bom Jesus, em alguns anos, anda com o credo na boca porque vão decorrendo os meses e não vê que apareça alguém para realizar as festas. Já aconteceu que elas não se realizaram por falta de pessoas para trabalhar.

Nestes três últimos anos a Comissão viveu encostada à Junta de Freguesia e conseguiram-se, não haja dúvidas, coisas bonitas. Diversificadas e com qualidade. Só que a Junta entrou já em saturação e diz que em festas para já não entra. Foi assim que um grupo de senhoras da terra chamou a si o encargo de realizar «o Senhor de Fão» para o ano. Festas de arromba? Pelo menos vão ser umas festas «à Fão».

## RITA FANGUEIRA

Rita Fagueira é um restaurante de Fão que já se tornou famoso. Gente de «desvairadas partes» acorrem a esta casa para saborearem os seus pratos feitos com autenticidade e as não menos imprescindíveis sobremesas: tinnhas (doce de chila), folhadinhos e morgados.

D. Tinnha é o «pivot» deste êxito gastronómico. Sua fama já vai, longe, tanto que a Televisão a convidou para figurar no programa «Agora é que são elas» de Ivone Ferreira.

Aí a D. Tinnha explicou o êxito do seu sucesso. Os fangueiros rejubilaram por verem uma coisa sua elevada a honras de televisão.

## UM NOVO SURTO COMERCIAL VARRE FÃO

Em 10 de Junho, no Ramalhão, abriu «Uma nova jóia no coração de Fão». É no início da rua Artur Sobral. Chama-se Carreira Jóia. Pertence ao Nuno Carreira. É relojoaria e ourivesaria.

A concepção e decoração da nova loja tem a marca do Zé Artur que é sinónimo de bom gosto.

— E vão surgir mais três bares. Um que será no antigo DRINK'S Bar, pegado à antiga Ladeira. Outro que se instalará por cima do actual edifício do banco. E ainda um terceiro a instalar no Posto Náutico.

— Entretanto a Perfumaria e (manicure) Magia, na rua dos Bombeiros vai alargar-se a Papelaria, Livraria e Tabacaria.

## BANDEIRA AZUL

Todas as praias candidatas no concelho, a saber, Cepães, Suave-Mar, Ofir e Apúlia foram contempladas com a Bandeira Azul.

A referida distinção, símbolo de qualidade ambiental, vem colocar este concelho numa situação ímpar a nível da Região Norte.

Fazemos votos para que o galardão concedido sirva de incentivo àqueles que neste momento ainda não decidiram onde passar as suas férias. Pelo que toca a Fão, nomeadamente aos seus hotéis, as perspectivas não se afiguram as melhores. A crise chegou com força ao turismo.

O NOVO  
FANGUEIRO  
FÃO